

# ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DO RELACIONAMENTO MASCULINO-FEMININO: EM BUSCA DE SAÚDE E OBEDIÊNCIA

*Raquel France*

## INTRODUÇÃO

Para se falar do relacionamento masculino-feminino na perspectiva antropológica é importante, em primeiro lugar, delimitar um contexto concreto para a discussão, visto que a antropologia lida com seres concretos, e não apenas com o teórico de como eles se relacionam. Para este trabalho, serão analisados alguns exemplos do relacionamento masculino-feminino, a partir daquilo que é possível observar hoje na sociedade brasileira; particularmente, no Nordeste do Brasil. Além disso, será dada ênfase à realidade do meio popular, que é a realidade da maioria do povo empobrecido.

Saúde e obediência no relacionamento masculino-feminino serão entendidas sob a ótica dos valores da fé cristã. Sobretudo, entende-se que o Deus da vida, Deus de nossa fé, chama os seres humanos para relações baseadas na justiça e igualdade entre homens e mulheres.

## 1 - A IMAGEM DA MULHER E DO HOMEM

Para se compreender a antropologia do relacionamento masculino-feminino, um dos aspectos mais importantes é compreender a imagem do homem e da mulher que está sendo propagada. Isto porque a imagem de si e do/da outro/a que cada um tem serve como ponto de partida e de influência à forma de ambos se relacionarem.

### 1.1 - A imagem do homem e da mulher na propaganda

Com que imagem a mulher do meio popular se defronta na sociedade? Mesmo podendo se argumentar que os meios de comunicação e a propaganda como tal não se dirigem diretamente ao meio popular, a sua presença não deixa de trazer influências à imagem que as mulheres desenvolvem a respeito de si mesmas e à imagem que os homens têm das mesmas.

Tomando alguns propagandas que, nos últimos anos, foram divulgadas pelos meios de comunicação no Nordeste do Brasil, é possível tirar algumas

conclusões quanto à imagem da mulher e do homem na sociedade.



No *outdoor* da Benetton, a mulher aparece como corpo, não como corpo ou pessoa integral, mas sim, apenas como parte de um corpo, pois não aparece sua cabeça. Esta mulher, sem a cabeça, perde a sua identidade e a sua capacidade de pensar. Isto reforça a idéia da mulher como alguém sem humanidade; mulher como objeto, objeto que é mamadeira para a criança de outros. Limita a mulher ao seu papel biológico e, verdadeiramente, como pessoa sem capacidade de raciocinar. O fato da mulher ser negra traz à memória o papel da escrava, que era a ama de leite da criança do branco. Embora este anúncio não seja dirigido às mulheres da periferia, contribui para reforçar a imagem (conveniente à classe dominante) de que a mulher negra, pobre, possui utilidade apenas biológica, não servindo para pensar. A propaganda também esconde as diferenças de classe, pois veste a mulher negra (cuja imagem até aqui está associada ao papel de escrava, pessoa pobre) com uma roupa muito cara, que, na realidade, dificilmente ela teria condições de comprar. Assim, é negada a contradição existente entre as classes.

São muitas as mulheres (negras) que se deslocam, diariamente, das áreas de periferia, e que passam em frente dessas propagandas quando vão prestar serviço em casas de bairros ricos. É pouco provável que elas mesmas analisem desta forma a propaganda; mas, isto não quer dizer que a imagem da mulher acima descrita não seja assimilada e introjetada (inconscientemente) por elas.



No *outdoor* que faz propaganda do "hotel" (página anterior), novamente se vê o corpo da mulher exposto. É interessante notar que do corpo do homem só aparece a cabeça. Ou seja, o essencial da mulher é o seu corpo (a paixão), enquanto o essencial do homem é a sua cabeça (a razão). A mulher é definida por meio do seu papel de sedutora, o que é evidenciado pela maçã que ela oferece ao homem.



Neste cartaz em frente ao teatro, a mulher aparece totalmente entregue, sem defesa, com as mãos para baixo, indicando uma posição na qual ela não oferecerá nenhuma resistência, pois é ela mesma quem se oferece (repete-se o tema da mulher regida pelas paixões do corpo). Entretanto, o cartaz anuncia sexo explícito. Ora, dificilmente ela fará sexo explícito sozinha! Porém, o homem não aparece no cartaz.

Numa revista de circulação nacional, ao fazer a propaganda de lançamento de um novo depilador elétrico para mulheres, a Philips usou uma foto que ilustra bem a relação homem-mulher em nossa sociedade. Embora seja dito que "os homens costumam esquecer de tudo diante de um belo par de pernas lisinhas e macias", a foto retrata um homem usando óculos, o que traz a ele certo ar de intelectualidade (razão), enquanto o que é enfatizado na mulher é o seu corpo. A mulher está por cima do homem, submetendo-o por meio da sedução.

A imagem da mulher e do homem que está presente e que está sendo transmitida na sociedade (ainda que, em um ou outro caso, inconscientemente) é uma imagem de cunho antropológico dualista. Neste pensar, o ser humano está dividido entre a razão e a paixão. A razão é supervalorizada, e a paixão menospre-

zada. No mundo ocidental, a forma que isto toma é o fato de o homem ser identificado com a razão, a razão com o espírito, o espírito com a divindade.<sup>1</sup> Esta visão antropológica dualista produz a dependência da mulher ao homem<sup>2</sup> e contradiz a visão cristã de relacionamentos baseados na justiça e na igualdade entre o homem e a mulher, ambos criados à imagem e semelhança de Deus.

O homem é visto como o ser pensante, racional, capaz de tomar as decisões. A razão é valorizada como a verdadeira essência do ser humano, por ser mais pura do que o corpo. O homem deve pensar pela mulher, haja vista que ele é mais dotado de razão. A mulher é associada à paixão; o corpo, por ser inferior à mente, deve ser dominado pela mente e pela razão do homem.<sup>3</sup>

Quando existe esta imagem do ser humano como base, dificilmente será possível desenvolver um relacionamento masculino-feminino que seja saudável e que reflita os valores da fé cristã.

### 1.2 - A imagem do homem e da mulher na linguagem

Outro âmbito no qual se revela a imagem da mulher e do homem é a linguagem, especialmente a linguagem falada, tanto no conteúdo quanto nas palavras empregadas para a fala.

A linguagem é o depósito da cultura.<sup>4</sup> Como tal, reflete os valores de determinada cultura. Mesmo que a análise da linguagem não seja uma preocupação das pessoas do meio popular (pelo simples fato de estas estarem mais preocupadas com as questões da própria sobrevivência)<sup>5</sup>, esta reflexão pode servir como pista para a compreensão das atitudes que existem no meio popular (conscientes ou inconscientes). Esta análise, em si, poderia ser ocupação para um trabalho muito mais amplo; porém apenas alguns exemplos serão apresentados aqui. São exemplos tirados de situações concretas do meio popular urbano do Nordeste do Brasil.

Um exemplo de linguagem comum no meio popular tem a ver com a designação da pessoa feminina e da pessoa masculina. Quando se trata de pessoa feminina, fala-se de "moça" ou de "mulher". Mesmo que a pessoa tenha 30 anos, continua sendo chamada de "moça" caso não tenha mantido relações sexuais; pois, chamá-la de "mulher" significa falar da sua sexualidade. Não é incomum se escu-

1. Cf. Ivone GEBARA e Maria Clara BINGEMER, *Maria mãe de Deus, mãe dos pobres. Um ensaio a partir da mulher da América Latina* (Série IV, A igreja, sacramento da libertação. Tomo XIII. Petrópolis: Vozes), p. 24.

2. Cf. José COMBLIN, *Antropologia cristã* (Tomo I, série III: A libertação na história. Petrópolis: Vozes), p. 24.

3. Cf. Rosemary Radford REUTHER, *Sexism and God-talk* (Boston: Beacon Press), p. 93.

4. Cf. José COMBLIN, op. cit., p. 212.

5. Cf. Ivone GEBARA, *Conhece-te a ti mesma* (São Paulo: Paulinas), p. 10.

tarem comentários como: "das duas irmãs solteiras que moram na casa dos pais, uma é moça e outra é mulher". Porém, ao se falar da pessoa masculina não se leva em conta a sua vida sexual. Ele é "rapaz" até certa idade e depois é chamado de "homem", tendo ou não mantido relações sexuais.

Vê-se, pois, que existe uma diferença entre aquilo que o homem pode e aquilo que a mulher pode. O problema é que a imagem que a palavra "moça" traz à cabeça é de uma jovem de 14 ou 15 anos, "pura". Chamar uma pessoa de 30-35 anos de "moça" traz o perigo de, inconscientemente, associá-la a características de uma pessoa mais nova (dependente, pura e talvez ingênua). É só a partir do seu relacionamento com um homem que ela se torna "mulher" (leia-se: adulta, completa, madura). Esta linguagem reforça a idéia da mulher dependente do homem para se tornar adulta. Além disso, impõe ao homem a imagem do indivíduo que terá a responsabilidade pela pessoa feminina e que haverá de ensiná-la e protegê-la.

Vale ressaltar, como muitos hoje já o têm feito, que a própria língua portuguesa é, em geral, androcêntrica. Na reunião de um Conselho de Moradores, onde estiveram presentes 25 mulheres e apenas 4 homens, tudo foi colocado no gênero masculino: "Eles decidiram", etc. O problema, neste caso, é que o masculino é tido como o padrão para explicar o mundo.<sup>6</sup> A mulher, mais uma vez, fica escondida atrás do homem.

Estes exemplos mostram que a imagem que normalmente se tem da mulher e do homem não reflete um valor de igualdade, mas sim, uma visão dualista do ser humano: o homem como superior à mulher e a mulher como submissa ao homem. Desde então, não será possível haver uma base de justiça e igualdade para se experimentar relacionamentos sadios e obedientes.

## 2 - O RELACIONAMENTO MASCULINO-FEMININO NO MEIO POPULAR

Depois de ter sido analisada a imagem do homem e da mulher existente no meio popular, é possível examinar, também, algumas características do relacionamento masculino-feminino da forma como é vivenciado. Para tanto, serão apresentados alguns exemplos de relacionamentos concretos no meio popular, os quais mostram alguns padrões culturais, sexuais e econômicos.

### 2.1 - Padrões culturais

*"- Sabe, o outro dia deu 7, 8, 9 horas e o Luis não chegava em casa. Eu fui pra casa do meu pai pra ver se ele tinha ido pra lá assistir a novela. Tava não. Aí meu pai disse que, quando saíram do trabalho, Luis disse pra ele que ia "logo aí", mas que chegava já em casa. Luis não é um daqueles homens de não chegar em casa. Às vezes*

---

6. Cf. Delir BRUNELLI, *Libertação da mulher, um desafio para a igreja e a vida religiosa na América Latina* (Coleção Desafios e Perspectivas, v. 5. Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil), p. 71.

*ele diz que vai pra uma festa, mas sempre vem avisar que não vai voltar pra casa. Quando ele não chegou de meia-noite, fiquei preocupada. No outro dia já ia enlouquecendo...Eu já ia sair a procurar ele nos hospitais. Daí recebi a notícia que uma amiga tinha falecido. Essa notícia me deixou tão abalada que já não sai pra procurar o homem. Ele apareceu lá pras 5:00hs. da tarde."*

*"- E daí?" - perguntou Lila - "Ele deu alguma explicação quando chegou?"*

*"- Disse que tava na casa dum amigo" - respondeu Fátima.*

*"- E você contou que tava preocupada e que já ia sair à procura dele?"*

*"- Eu disse, mas ele disse que era besteira minha."*

*"- Ele não pediu desculpa não?"*

*"- Oxê! Ah! Ah! Essa é boa. Já imaginou ele pedir desculpas para mim?"*

.....

*"- A mulher teve outra barriga, foi menina de novo. Essa é melhor deixar morrer, não quero filho mulher não. Só homem. Essa daí eu não vou nem olhar."*

.....

*"- Lugar de mulher é em casa."*

.....

*"- Quem manda é o meu marido. Mesmo que sou eu que faço tudo em casa, mas quem manda é ele."*

Estes breves retratos mostram como existem diferentes padrões de comportamento aceitos para a mulher e para o homem. Dentro da linguagem, dentro da própria conversa como tal, a mulher ocupa um segundo plano, inferior ao do homem. A tal ponto, que ela nem mesmo mereceu receber desculpas por parte do marido, depois dele ter sumido durante um dia inteiro. É visto como natural que ele saia e faça o que quiser. Ela simplesmente precisa aceitar a ausência dele, sem reclamações. Além de não ser considerada, a mulher é desvalorizada pelo mero fato de ser mulher. Realmente, existem muitos homens que não querem ter filhas porque isto não ressalta a sua masculinidade. O fato de a mulher afirmar que é ela quem faz tudo em casa, sendo, no entanto, o marido aquele que manda, reforça a concepção antropológica dualista, na qual o homem é o cabeça da mulher, e o que nela é importante é somente o seu corpo (no caso referido, para que mantenha a casa).

Vê-se, pois, que existe um relacionamento muito desigual entre a mulher e o homem, e que este relacionamento é determinado, também, por fortes crenças culturais (o homem tudo pode, enquanto a mulher fica em casa) que apóiam esta forma de relacionamento, mas que mantêm os relacionamentos distantes de padrões verdadeiramente sadios.

## 2.2 - Padrões sexuais

Não é apenas no âmbito cultural do relacionamento masculino-feminino que existem quadros onde a mulher está subordinada e o homem elevado. Comportamento semelhante ocorre na área da sexualidade. Observem-se os exemplos que seguem:

"- *Estou tão preocupado!*" - diz Severino - " *Não sei o que fazer. Fiz o teste da Aids e deu positivo.*"

"- *E a sua esposa,*" - pergunta Graça - "*também fez o teste?*"

"- *Ela não. Eu não disse nada pra ela não. Se eu contar ela não vai querer transar mais comigo. Eu prefiro não contar não.*"

.....

"- *Se eu ficar o homem vai me matar, ele vai me matar! Ele já disse isso. Por favor, me leve daqui! Ele quer coisas de mim que é só de prostituta. Ele não me respeita. Eu não sou esse tipo de mulher não, eu sou uma mulher direita. Eu já disse pra ele, mas ele não liga não. Ele disse que, se eu não fizer o que ele quer, ele vai me matar. Eu preciso ir embora!*"

Estes retratos mostram o quanto a expressão sexual, dentro do relacionamento masculino-feminino, é distorcida. Uma vez que a imagem do homem e da mulher é uma imagem antropológica dualista, cria-se uma imagem da mulher como objeto sexual; ela é levada a ver-se a partir do seu corpo e do seu sexo, e não a partir do seu ser integral.

A desvalorização da mulher como ser humano integral, em troca da valorização apenas do seu corpo, estabelece um relacionamento doentio. Pode, inclusive, causar atitudes tão extremas quanto às mencionadas: por exemplo, o fato de o marido não se preocupar com a saúde de sua esposa (mesmo que a própria vida desta esteja ameaçada). O prazer dele é supervalorizado, enquanto a sexualidade da mulher é menosprezada. Ao invés de procurar, junto à mulher, formas criativas de expressão da sexualidade, o homem entende a mulher como objeto, o qual pode dominar da maneira que quiser, com o qual se satisfaz sexualmente a seu bel prazer. O espetáculo da miséria sexual faz com que o sexo seja colocado completamente à parte da construção da pessoa humana e da comunidade.<sup>7</sup>

## 2.3 - Padrões econômicos

Ao falar-se do relacionamento masculino-feminino, há outro fator que é importante levar em conta: o econômico. Eis alguns exemplos:

---

7. Cf. Carmen PEREZ de Camargo, *Un enfoque bíblico-teológico del ser humano: Varón y mujer desde la perspectiva de la creación* (México: Fraternidade Teológica Latino-Americana, jul. 1990), p. 4.

"- *A questão é respeito entre o homem e a mulher. Quando isto acabar, a coisa acabou. A mulher só se submete ao homem porque precisa dele. Se ele não estiver lá os filhos dela vão morrer de fome, então, ela agüenta. Faz tudo o que o homem manda por causa das crianças, porque não pode sobreviver sozinha.*"

"- *A situação nesse país só vai melhorar quando mudar a lei. A lei favorece o homem. Só quando ela tiver categoria é que vai ser diferente. Aí ela não vai ter que agüentar tanto, ela vai poder ser independente. Pois a vida da pobre é essa.*"

.....  
"- Rosa, o que foi que houve?" - perguntou Vânia -

"Por que você está chorando? Você está cheia de contusões. O que aconteceu?"

"- Não foi nada não." - respondeu Rosa.

"- Ora, a gente não fica desse jeito sem nenhuma razão!"

"- Bem," - confessou Rosa - "é que tou tão cansada! Hoje, com a greve dos ônibus, eu tive que ir e voltar do trabalho à pé. Se eu não fosse pro trabalho o chefe ia me demitir. E você sabe, né, a aposentadoria do meu marido não dá pra nada, então eu preciso trabalhar. Não consegui carona de jeito nenhum. Aí, quando eu cheguei em casa, tão cansada do dia, o homem tava furioso. Só fiz passar da porta e ele começou a gritar comigo. Ele perguntou onde é que eu tava. Se eu achava ele tão besta assim que ele não ia perceber que eu tava botando gaia nele. Eu tentei explicar que eu me atrasei porque não tinha ônibus, mas ele não queria saber nada disso não. Ele disse que eu tava inventando desculpas. Daí eu fui pegar alguma coisa pra comer, eu já tava quase desmaiando de fome, mas a raiva dele não tinha se esgotado não. Ele pegou o meu prato e jogou tudo no chão. Gritou que mulher dele não ia sujar o nome dele, me deu um tapa e saiu pro barzinho pra beber com os amigos. Não dá pra entender não. Eu saio de casa pra trabalhar, pra ajudar com as despesas, e, quando chego, ele me trata desse jeito."

A vida da mulher pobre, na maioria das vezes, é limitada às tarefas domésticas. O papel dela, assim entendido não apenas pelos homens, mas também por ela mesma, é assumir os afazeres domésticos, enquanto o papel do homem é se responsabilizar pelo "esteio da família". Torna-se evidente, aqui, que a dominação tem fundamentos econômicos e sociais<sup>8</sup>, não apenas culturais. A mulher fica em casa sem produzir (conforme as definições da sociedade). Ela é relegada à reprodução, enquanto o homem é relegado à produção material. Isto leva a relações sociais de dominação e dependência, ao invés de relações de igualdade e respeito.

---

8. Cf. José COMBLIN, *op. cit.*, p. 101.



O trabalho da mulher na própria casa não é remunerado. Se ela, por acaso, trabalhar fora de casa, geralmente o faz na atribuição de lavadeira ou faxineira, onde raramente recebe ao menos um salário mínimo. O fato do trabalho da mulher não ser remunerado (ou ser mal remunerado) cria uma dependência da mulher ao homem. Algumas mulheres sentem que devem suportar muitas situações, problemas ou atitudes de dominação por parte de seus maridos, porque sozinhas não conseguiriam sobreviver economicamente. Elas se submetem a situações abusivas por causa da dependência econômica em relação ao homem. Isto acontece porque, para a mulher pobre, o que mais a preocupa é, em primeiro lugar, a satisfação das necessidades básicas.<sup>9</sup>

Em relação ao homem, existe uma supervalorização do seu ganho econômico. Ele encontra o seu valor no fato de ser aquele que traz o salário para casa (mesmo sendo um salário pequeno). O mais importante é a sua capacidade de prover a família. O contexto no qual vive não lhe dá muitas oportunidades de valorizar alguma espécie de participação dentro de casa, com a esposa e os filhos. Ele é relegado ao mundo do trabalho.

Esta situação leva a um relacionamento baseado na desigualdade. Não conduz a uma visão de apoio mútuo, mas sim, à visão da mulher como sendo dependente (inferior ao homem) e do homem como sendo o provedor e dominador. Talvez esta desigualdade esteja acentuada no meio popular por causa da dificuldade do homem em encontrar um emprego que realmente lhe dê condições de prover todas as necessidades da família, de acordo com os padrões exigidos pela sociedade. Para conseguir preservar a imagem que ele e a esposa têm dele mesmo como provedor da família, o homem precisa procurar outros meios de se mostrar capaz de manter o poder familiar e de manter a mulher dependente e submissa. A única forma de fazer isto, muitas vezes, é através do abuso e da violência física e emocional. Mais uma vez, vê-se que o relacionamento está longe de padrões de saúde e obediência.

## CONCLUSÃO

A imagem da mulher e do homem que está presente na cultura do Nordeste do Brasil é uma imagem de natureza antropológica dualista. É uma imagem que mantém a mulher no segundo plano em relação ao homem, pela valorização do seu corpo e da sua paixão, em contraste à valorização do raciocínio do homem. Estas imagens de si e do/da outro/a formam a base para o relacionamento masculino-feminino neste contexto brasileiro.

O padrão deste relacionamento é também de cunho antropológico dualista, do tipo que Perez assim descreve:

O intelecto predomina sobre as emoções, o trabalho produtivo predomi-

---

9. Cf. Ivone GEBARA, *Conhece-te a ti mesma*, p. 34.

---

na sobre o trabalho reprodutivo, o analítico predomina sobre o contemplativo; a ternura, a vulnerabilidade, o cuidado humano, a disposição ao sacrifício são desvalorizados enquanto a competição, o sucesso e a auto-realização são valorizados.<sup>10</sup>

Sem dúvida, não é um padrão sadio, e está longe da obediência aos valores cristãos. Já que foi observada a natureza doentia causada por este padrão, cabe aos seres humanos e à igreja a tarefa de buscar e desenvolver novas imagens do homem e da mulher, imagens que construam bases mais eficazes para relacionamentos masculino-femininos realmente saudáveis. O mais difícil, ao se pensar num relacionamento novo e saudável, é lidar com o fato de que o padrão antropológico dualista acima descrito está profundamente enraizado na cultura brasileira, tendo suas raízes no modo dos colonizadores tratarem as mulheres indígenas e no modo dos senhores de escravos tratarem as mulheres escravas.

Com um padrão de tal modo enraizado na cultura, a mudança para relacionamentos saudáveis e obedientes aos valores da fé cristã não será fácil nem rápida. Será possível somente quando houver uma verdadeira conscientização, a qual deve acontecer através de uma ativação externa de forças internas, até que se chegue à auto-consciência. Nesta, o ser humano passa do estado de ingenuidade para o estado crítico.<sup>11</sup> Não poderá ser conscientização imposta; antes, mudança de dentro para fora. Portanto, é preciso imaginar, criativa e contextualizadamente, como deveria ser o relacionamento masculino-feminino sadio e obediente a partir de Jesus Cristo.

Assim, serão colocadas aqui algumas pistas que podem apontar para uma antropologia nova e unitária:

\* A mulher deve ser vista como ser humano integral, com plena capacidade de raciocinar. Por sua vez, que o homem seja visto também com plena capacidade de experimentar a paixão.

\* Não é possível negar as diferenças existentes entre o homem e a mulher. Mas, que elas sejam afirmadas na sua realidade íntegra, de forma que ambos sejam igualmente valorizados.

\* O corpo da mulher não é mero objeto sexual. Semelhantemente, o corpo do homem não deve ser uma arma de dominação.

\* A linguagem precisa começar a refletir valores de igualdade, para que, assim, a mulher seja "tirada da cova" na qual se encontra dentro da linguagem, e seja colocada no mesmo patamar do homem.

\* Faz-se necessário lutar para que haja condições econômicas de vida plena, onde o homem não sinta o ímpeto de dominar a mulher nem a mulher se sinta, necessariamente, em estado de dependência. Junto a isto, a produ-

---

10. Cf. Carmen PEREZ de Camargo, *op. cit.*, p. 4.

11. Cf. Clodovis BOFF, *Agente de pastoral e povo* (Petrópolis: Vozes), p. 7.

ção de ambos, mesmo que diferente, deve ser reconhecida e igualmente valorizada.

Existem, além disso, preocupações para a prática dos cristãos e da igreja: qual é a antropologia que se deve usar dentro dos ministérios cristãos? Como integrar uma nova visão antropológica dentro de contextos tais como ensino escolar, preparação de currículos, comunidade, sermões, de forma que haja uma imagem integral do ser humano, e que sirva como fundamento para relacionamentos sadios?